This document was translated from English by machine and may contain mistakes. The English original is at https://www.novaracg.com/2026/07/12/ncg-insight-from-disneys-asl-fragmentation-to-the-slxai-governance-gap/.

# NCG Insight: Da Fragmentação ASL da Disney ao Vazio de Governança do SLxAI

Heather Grizzle · 12 de julho de 2026

*Disney's limited ASL rollout is a clean analog for sign language AI: strong in demos, fragmented in delivery. A systems read on the SLxAI gap.*

**Conteúdo**

1. O Que a Disney Revelou (Sem Pretender)
2. Onde Isto Se Aplica Diretamente à SLxAI
3. O Modo de Falha Partilhado
4. Por Que a SLxAI Representa um Risco Maior do Que a Disney
5. O Que o Mercado Está a Deixar Escapar
6. Posição Estratégica
7. Onde a Demonstração se Torna Exposição

O lançamento limitado de ASL da Disney não é uma escolha de execução isolada. É um paralelo claro para o que está atualmente a desenrolar-se em todo o ecossistema de IA de língua gestual. O padrão é idêntico. O mecanismo de entrega é diferente.

Numa perspetiva da NCG, isto não é uma história sobre animação, nem é uma crítica à intenção. É uma narrativa sistémica sobre como as organizações abordam a acessibilidade quando esta se encontra fora da arquitetura central. A Disney não falhou por falta de capacidade. Demonstrou precisamente o oposto. O estúdio investiu em intérpretes Deaf, reconstruiu os processos de animação e respeitou a estrutura linguística da ASL como uma língua distinta, e não como uma derivação do inglês. Esse nível de execução exige disciplina, orçamento e sensibilidade cultural. A questão está no que aconteceu depois de feito esse investimento.

A acessibilidade foi implementada como um melhoramento contido, e não como uma condição persistente do produto. Três canções foram traduzidas e reanimadas com cuidado, enquanto a narrativa envolvente permaneceu intocada. O resultado não é inclusão. É segmentação. Um espetador Deaf é convidado a entrar em momentos específicos e depois é retirado da continuidade. O sistema sinaliza acesso enquanto, estruturalmente, o retém. Essa contradição não é visível no lançamento. Só se torna visível através do uso.

Esta é precisamente a mesma postura arquitetónica que agora emerge em todo o mercado de IA de língua gestual, como se observou na SLxAI Summit 2026. Os fornecedores não estão a apresentar tecnologia incompleta. Estão a apresentar resultados altamente refinados dentro de limites rigorosamente controlados. Os avatares gesticulam com fluidez nas demonstrações. As traduções parecem coerentes em sequências curtas. A camada visual é persuasiva. Cria a impressão de que a acessibilidade foi operacionalizada. O que está realmente a ser demonstrado é algo mais restrito. Estes sistemas conseguem gerar momentos acessíveis. Ainda não conseguem garantir sistemas acessíveis.

Estes sistemas conseguem gerar momentos acessíveis. Ainda não conseguem garantir sistemas acessíveis.

A distinção não é semântica. É operacional. Tanto no caso da Disney como nas implementações da SLxAI, a acessibilidade existe como uma sobreposição. É aplicada a segmentos, cenários ou comandos específicos. Não está incorporada como uma condição contínua que rege todo o fluxo de comunicação. Uma vez que a acessibilidade é tratada como uma sobreposição, a falha deixa de ser uma exceção. Torna-se inevitável. A única variável é onde ela ocorre. No modelo da Disney, a quebra acontece entre as canções e a narrativa. Nos sistemas SLxAI, a quebra acontece entre comandos, mudanças de contexto ou casos linguísticos limite. Em ambos os casos, o utilizador experimenta uma perda de continuidade que o próprio sistema não revela.

É aqui que entra a governação. A maioria das organizações que avaliam estas tecnologias ainda opera ao nível da validação de resultados. Perguntam se o gesto parece correto, se o movimento é natural, se a tradução corresponde ao significado esperado numa dada instância. Essas são verificações necessárias, mas insuficientes. A questão

real é se o sistema consegue manter precisão, contexto e integridade linguística ao longo de toda uma interação, sem degradação. Essa não é uma questão criativa. É uma questão de fiabilidade de sistemas.

A atual fixação do mercado na fidelidade visual está a mascarar uma ausência mais profunda de normas. Não existe uma estrutura amplamente adotada para medir a continuidade em sistemas de IA de língua gestual. Não existe um método consistente para validar a retenção de contexto em interações de várias trocas. Não existe um modelo de divulgação obrigatório que informe os utilizadores quando o resultado de um avatar é probabilístico em vez de determinístico. Sem essas estruturas, as organizações estão a implementar ferramentas que parecem estáveis isoladamente, mas que permanecem por comprovar em sequência. Esta é a mesma condição que a Disney revelou involuntariamente. Um investimento elevado não compensa uma arquitetura fragmentada.

O perfil de risco diverge drasticamente à escala. A limitação da Disney produz uma experiência de entretenimento incompleta. É percetível, mas está contida. Em ambientes empresariais e voltados para o público, os sistemas SLxAI intermedeiam informação que pode ter consequências legais, médicas ou financeiras. Uma quebra de continuidade deixa de ser um inconveniente. Torna-se um ponto de dano potencial. Quando um sistema não consegue garantir que o significado é preservado de um momento para o outro, não pode ser posicionado como uma solução de acessibilidade fiável. Torna-se uma interface probabilística apresentada como se fosse determinística.

O que torna este momento significativo é que tanto a Disney como os fornecedores de SLxAI estão, na prática, a resolver o mesmo problema a partir de direções diferentes. A Disney está a adaptar a acessibilidade a um modelo de conteúdo legado. Os fornecedores de SLxAI estão a construir a acessibilidade em novas camadas de comunicação desde a base. No entanto, ambos convergem para o mesmo resultado estrutural, porque partilham o mesmo pressuposto subjacente. A acessibilidade é tratada como algo que pode ser aplicado, em vez de algo que deve ser sustentado.

Um modelo maduro inverteria esse pressuposto. A acessibilidade não seria ativada em pontos específicos. Seria persistente em todo o sistema, regida por normas que definem precisão, continuidade e divulgação de falhas. Nesse modelo, a questão já não é se um único resultado está correto. A questão passa a ser se o sistema pode ser considerado fiável para se manter correto ao longo do tempo, em diferentes contextos e sob condições variáveis. Esse é o limiar que separa a demonstração da implementação.





A conclusão não é que a Disney ficou aquém ou que a SLxAI é prematura. É que ambas estão a operar dentro de uma arquitetura transitória em que a capacidade ultrapassou a governação. O mercado está agora no ponto em que a prova visual de conceito já não é suficiente. A fase seguinte exige responsabilização estrutural. Sem ela, a acessibilidade continuará a surgir em momentos pontuais, falhando em movimento.

## O Que a Disney Revelou (Sem Pretender)

A Disney abordou a integração da ASL com um nível de seriedade que a maioria das organizações nunca alcança. O trabalho reflete a compreensão de que a língua gestual não pode ser tratada como uma sobreposição visual do inglês, e que o significado em ASL é construído através de gramática espacial, temporização e expressão corporal completa, e não através de movimentos isolados das mãos. Essa compreensão traduziu-se em decisões operacionais. Intérpretes Deaf estiveram envolvidos na definição de como a língua era transmitida, e não apenas chamados a validá-la a posteriori. Os fluxos de trabalho de animação foram reestruturados para suportar marcadores não manuais, variações de ritmo e a fisicalidade necessária para transmitir o significado com precisão. O sistema adaptou-se à língua, em vez de comprimir a língua dentro de restrições já existentes. Ao nível da execução, isto não é acessibilidade simbólica. É tecnicamente competente, culturalmente consciente e intencionalmente construído.

É precisamente por isso que o resultado tem peso para além do projeto imediato. Quando uma organização demonstra esse nível de capacidade, a avaliação desloca-se do esforço para a fiabilidade. A questão deixa de ser se a acessibilidade pode ser produzida. Passa a ser se a acessibilidade é sustentada. O utilizador não está a interagir com resultados isolados. O utilizador está a percorrer uma experiência que ou se mantém coesa ou não.

O que emerge na implementação da Disney é uma quebra nessa continuidade. A acessibilidade aparece em segmentos definidos e depois recua à medida que a narrativa mais ampla retoma sem adaptação. O sistema não mantém um estado consistente. Transita entre condições acessíveis e inacessíveis sem preservar a compreensão ao longo dessas transições. Na perspetiva do utilizador, o significado é estabelecido e depois interrompido, exigindo reorientações repetidas. Isto não é experienciado como inclusão parcial. É experienciado como instabilidade na própria camada de comunicação.

A origem dessa instabilidade não é uma deficiência na qualidade de produção. Os segmentos acessíveis atingem um padrão elevado. A questão situa-se ao nível arquitetónico, onde a acessibilidade foi tratada como algo que pode ser aplicado em pontos específicos, em vez de mantida como propriedade constante do sistema. Um modelo centrado na produção avalia se os componentes individuais cumprem as expetativas de qualidade e, por essa medida, o trabalho é bem-sucedido. Um modelo centrado em sistemas avalia se esses componentes persistem ao longo de toda a interação sem degradação e, por essa medida, o design não se sustenta.

Esta distinção determina se o utilizador pode confiar no sistema. Quando a acessibilidade é contínua, torna-se parte da infraestrutura da experiência, não exigindo esforço adicional do utilizador para manter a compreensão. Quando a acessibilidade é intermitente, o ónus volta a recair sobre o utilizador, que tem de se ajustar continuamente às mudanças de acesso e reconstruir o significado à medida que essas mudanças ocorrem. A organização investiu em resolver a acessibilidade, mas a forma como esta é implementada impede que essa solução funcione como uma condição estável.

A implicação mais ampla é que otimizar os elementos visíveis da acessibilidade não garante um sistema utilizável. Sem continuidade, esses elementos permanecem sucessos isolados que não se agregam numa experiência fiável. A falha não está na qualidade do que foi construído, mas em como o que foi construído é autorizado a funcionar ao longo do tempo.

## Onde Isto Se Aplica Diretamente à SLxAI

Na SLxAI Summit 2026, os fornecedores apresentaram sistemas de gesticulação baseados em avatares como soluções de acessibilidade funcionais e, ao nível da demonstração, os sistemas entregaram aquilo que o mercado atualmente recompensa. Os resultados eram visualmente persuasivos, a fidelidade do movimento era elevada, e as sequências de gestos pareciam coerentes dentro dos limites dos cenários apresentados. Estas demonstrações não foram descuidadas nem incompletas. Foram ambientes rigorosamente controlados, concebidos para destacar onde os sistemas têm melhor desempenho, e dentro dessas restrições os resultados corresponderam às expetativas de progresso técnico nesta área.

A questão torna-se visível quando o enquadramento se alarga para além do ambiente de demonstração. O que está a ser validado nesses momentos não é a capacidade do sistema para sustentar a comunicação, mas sim a sua capacidade para produzir resul-

tados precisos em condições predefinidas. A gesticulação parece contextualmente correta porque o próprio contexto é estável, limitado e conhecido de antemão. Assim que essa estabilidade é removida, a questão passa de saber se o sistema consegue gerar uma sequência correta para saber se consegue manter a integridade linguística à medida que o contexto evolui. É nesse ponto que a geração atual de sistemas permanece por comprovar.

Não há evidência consistente de que estes sistemas consigam preservar o significado em interações prolongadas, onde os tópicos mudam, as referências se acumulam e o contexto anterior precisa de ser retido para interpretar as entradas subsequentes. Não existe uma estrutura padronizada implementada para medir como a precisão se degrada ao longo do tempo ou entre domínios. Não existe um mecanismo de divulgação obrigatório que sinalize ao utilizador quando a confiança do sistema diminui ou quando a tradução passa de fiável a probabilística. Estas lacunas não são casos limite. Definem a fronteira entre uma demonstração controlada e um ambiente de comunicação do mundo real.

Como resultado, os sistemas têm um desempenho convincente dentro de segmentos isolados, mas carecem de continuidade verificada ao longo de fluxos de experiência completos. A camada visual reforça a perceção de completude, mas a estrutura subjacente ainda não suporta uma comunicação sustentada e fiável. Isto cria a mesma condição observada na implementação da Disney, onde a acessibilidade está presente em momentos definidos, mas não é mantida como propriedade contínua do sistema. A diferença é que, no contexto da SLxAI, esta condição estende-se para além do consumo de conteúdo até à comunicação ativa, onde as quebras de continuidade afetam não apenas o envolvimento, mas a integridade da informação que está a ser trocada.

## O Modo de Falha Partilhado

Em ambos os casos, a questão subjacente não é a qualidade da execução, mas a forma como a acessibilidade é posicionada dentro do próprio sistema. A acessibilidade é implementada como uma camada discreta que pode ser aplicada a segmentos selecionados de conteúdo, em vez de ser estabelecida como uma condição contínua e governada que persiste ao longo de todo o fluxo de comunicação. Essa escolha de design determina como o sistema se comporta ao longo do tempo. Permite que a acessibilidade pareça completa dentro de momentos controlados, enquanto permanece estruturalmente incompleta ao longo da experiência mais ampla.

Quando a acessibilidade é tratada como uma camada, o sistema desenvolve inevitavelmente pontos de rutura. Não são falhas aleatórias, mas transições previsíveis entre estados em que a acessibilidade está presente e estados em que está ausente ou degradada. Em termos práticos, o utilizador percorre uma experiência que não mantém um nível consistente de acesso. A compreensão é construída dentro dos segmentos suportados e depois interrompida quando o sistema sai desses segmentos. O ónus de navegar essas transições recai sobre o utilizador, que tem de se ajustar continuamente a condições em mudança, em vez de poder contar com a estabilidade do sistema.

Esta instabilidade afeta diretamente a confiança. Um sistema que tem bom desempenho em instâncias isoladas, mas que não sinaliza quando ou onde pode falhar, cria incerteza para o utilizador. A questão não é simplesmente que as falhas ocorram, mas que ocorram sem limites claros ou divulgação. O utilizador não consegue prever quando o sistema manterá a precisão e quando não o fará. Ao longo do tempo, esta imprevisibilidade reduz a confiança no sistema como um todo, mesmo nas áreas em que tem um desempenho correto. A confiança não se constrói com picos de desempenho. Constrói-se com consistência.

A mesma condição estrutural introduz um risco mensurável para as organizações que implementam estes sistemas. Quando a acessibilidade é intermitente, não há uma base clara para demonstrar que a comunicação foi precisa e completa ao longo de toda uma interação. Sem continuidade, as organizações não conseguem auditar ou verificar os resultados de forma fiável. Isto torna-se particularmente significativo em ambientes onde a comunicação tem consequências legais, médicas ou operacionais. A ausência de uma estrutura governada para a acessibilidade significa que o desempenho não pode ser medido, documentado ou defendido de forma consistente.

A distinção entre uma abordagem em camadas e um sistema contínuo não é, portanto, conceptual. Determina se a acessibilidade funciona como um componente fiável do ambiente ou como um conjunto de capacidades isoladas que não se agregam numa experiência fiável.

## Por Que a SLxAI Representa um Risco Maior do Que a Disney

A diferença no perfil de risco entre a implementação de ASL da Disney e os atuais sistemas SLxAI não é uma questão de escala ou sofisticação. É uma questão de contexto.

A limitação da Disney produz uma experiência incompleta dentro de um ambiente de entretenimento. O impacto é percetivo e experiencial. Um espetador perde continuidade, perde partes do significado narrativo e desliga-se do conteúdo. Embora esse resultado reflita uma lacuna estrutural de acessibilidade, permanece contido num domínio em que as consequências se limitam à compreensão e à satisfação do utilizador.

Os sistemas SLxAI operam num contexto fundamentalmente diferente. Estão a ser posicionados como intermediários em ambientes de comunicação ao vivo ou quase ao vivo, onde o significado não é simplesmente consumido, mas trocado, acionado e dependido. Nestes cenários, o sistema não está a aumentar o conteúdo. Está a funcionar como parte do próprio canal de comunicação. Qualquer instabilidade nesse canal afeta diretamente a integridade da informação transmitida.

Quando a continuidade não é garantida, o sistema introduz a possibilidade de má interpretação em pontos que podem não ser visíveis nem para o utilizador nem para a organização que o implementa. Uma mudança de contexto, um termo específico de um domínio ou uma alteração de tom podem mudar a forma como o significado é construído em língua gestual, dado particularmente o seu recurso a marcadores espaciais e não manuais. Se o sistema não mantiver esse contexto com precisão, o resultado produzido pode parecer estruturalmente correto, transmitindo ao mesmo tempo um significado diferente do pretendido. Esta não é uma falha que se apresenta como um erro óbvio. Apresenta-se como uma interpretação plausível, mas incorreta.

A mesma dinâmica aplica-se à intenção e ao tom. A comunicação não se limita à tradução literal. Transporta nuances, ênfase e contexto relacional. Quando um sistema não tem capacidade para preservar esses elementos de forma consistente, pode alterar a intenção percebida de uma mensagem sem sinalizar essa alteração. Em ambientes como o atendimento ao cliente, a comunicação no local de trabalho ou interações voltadas para o público, essa mudança pode afetar a tomada de decisões, a conformidade e os resultados interpessoais.

Existe também uma dimensão representacional que vai além da precisão funcional. A língua gestual está intimamente ligada à identidade e à comunidade. Quando um sistema produz resultados inconsistentes, contextualmente inadequados ou desalinhados com normas culturais, não introduz apenas um erro. Introduz dano representacional. Esse dano não é abstrato. Afeta a forma como os indivíduos são percecionados, como são compreendidos e como são incluídos em sistemas de comunicação que afirmam servi-los.





Em conjunto, estes fatores retiram a SLxAI da categoria de otimização da experiência do utilizador e colocam-na no domínio do risco de governação e conformidade. A questão deixa de ser se o sistema proporciona uma interação fluida ou envolvente. Passa a ser se o sistema pode ser considerado fiável para transmitir informação com precisão, consistência e de uma forma que possa ser auditada e defendida. Em ambientes onde a comunicação tem consequências legais ou operacionais, essa distinção torna-se material.

## O Que o Mercado Está a Deixar Escapar

O estado atual do mercado reflete uma concentração de esforços na qualidade do resultado, sem um investimento correspondente nas estruturas necessárias para avaliar e governar essa qualidade ao longo do tempo. As organizações estão a demonstrar capacidades de gesticulação cada vez mais sofisticadas, mas essas capacidades estão a ser avaliadas isoladamente, sem uma estrutura partilhada que defina o que realmente significa um desempenho fiável ao longo de uma interação completa. Isto cria uma condição em que os sistemas podem parecer maduros à superfície, permanecendo não normalizados e difíceis de comparar a nível estrutural.

Uma das lacunas mais imediatas é a ausência de uma norma amplamente adotada para avaliar comparativamente a precisão da língua gestual. Atualmente, a precisão é muitas vezes inferida através da plausibilidade visual ou de uma revisão especializada limitada em cenários controlados. Essa abordagem não é escalável e não fornece uma base consistente para avaliar o desempenho entre diferentes sistemas, domínios ou casos de uso. Sem uma referência definida que tenha em conta a estrutura linguística, o contexto e a preservação do significado, a precisão continua a ser uma medida subjetiva, e não uma medida auditável.

Existe uma lacuna relacionada na forma como a retenção de contexto é validada. A língua gestual, como qualquer língua, depende da continuidade de significado ao longo das trocas. Os sistemas atuais raramente são avaliados quanto à sua capacidade de manter essa continuidade em interações prolongadas. Em vez disso, são avaliados com base em resultados discretos, cada um tratado como um evento independente. Isto oculta a forma como o desempenho se altera à medida que as conversas evoluem, as referências se acumulam e o contexto prévio se torna necessário para interpretar nova informação. Sem um método para medir a retenção de contexto, não existe uma compreensão clara de quando ou como os sistemas começam a degradar-se.

O mercado também carece de um quadro de classificação consistente para as tecnologias subjacentes que estão a ser apresentadas. Sistemas que assentam em mecanismos fundamentalmente diferentes, incluindo modelos generativos, avatares controlados por movimento ou por manipulação, e transformações de vídeo para vídeo, são frequentemente agrupados sob a mesma categoria. Esta confusão dificulta a avaliação de capacidades, limitações e casos de uso adequados. Cada abordagem apresenta características de desempenho e perfis de risco distintos, mas essas distinções não estão a ser claramente comunicadas nem normalizadas.

Paralelamente, não existem requisitos de divulgação amplamente aplicados que definam como a comunicação sintética deve ser apresentada aos utilizadores. Quando um sistema gera resultados em língua gestual, frequentemente não há qualquer indicação do nível de confiança, do potencial de erro, ou das condições em que o desempenho pode diminuir. Esta falta de transparência impede os utilizadores de tomarem decisões informadas sobre em que medida devem confiar no sistema e limita a capacidade de uma organização demonstrar que a comunicação foi tratada de forma responsável.

A mesma lacuna de classificação foi visível na SLxAI Summit 2026, onde sistemas com arquiteturas e capacidades subjacentes diferentes foram apresentados sob um único rótulo. O resultado é um sinal de mercado que sugere uma uniformidade que não existe. Sem normas claras para benchmarking, validação, classificação e divulgação, as organizações são deixadas a avaliar os sistemas com base no desempenho superficial, em vez da fiabilidade estrutural.

## Posição Estratégica

Da perspetiva da NCG, a acessibilidade não pode ser avaliada apenas com base no facto de surgir em resultados isolados ou de ter um desempenho convincente em condições controladas. O critério definidor é se a acessibilidade é sustentada como uma propriedade contínua e fiável do sistema ao longo de todo o ciclo de vida de uma interação. Qualquer coisa aquém disso cria uma lacuna entre o que é apresentado e o que é efetivamente entregue ao utilizador.

As implementações atuais, tanto nos meios de comunicação tradicionais como nos sistemas emergentes de SLxAI, demonstram um padrão consistente. É direcionado um investimento significativo para produzir resultados acessíveis de elevada qualidade, e esses resultados frequentemente atingem ou superam as expectativas quando avaliados individualmente. No entanto, o sistema envolvente não mantém esse nível de





acessibilidade ao longo do tempo. O resultado é uma experiência fragmentada em que o acesso está disponível de forma intermitente, em vez de garantido de forma persistente. Esta fragmentação nem sempre é visível no momento da demonstração, mas torna-se evidente através do uso, onde a continuidade da compreensão depende da continuidade do acesso.

A distinção entre acessibilidade intermitente e contínua não é uma questão de grau. É uma diferença categórica na forma como o sistema funciona. Quando a acessibilidade é contínua, funciona como infraestrutura. Não requer intervenção do utilizador, não introduz incerteza e não se degrada sem o sinalizar. Quando a acessibilidade é intermitente, comporta-se como uma funcionalidade. Pode ser ativada, demonstrada e validada em contextos específicos, mas não fornece uma base estável para a comunicação.

Esta distinção tem implicações diretas na forma como as organizações concebem, avaliam e implementam soluções de acessibilidade. Os sistemas que oferecem acessibilidade em momentos pontuais podem satisfazer objetivos de visibilidade imediata, mas não cumprem os requisitos de fiabilidade, auditabilidade ou confiança. Os sistemas que incorporam a acessibilidade como uma condição governada e contínua são aqueles que conseguem apoiar a comunicação no mundo real sem transferir o risco ou o ónus de volta para o utilizador.

A posição não é, portanto, uma crítica às capacidades atuais, mas sim um esclarecimento sobre o que constitui uma solução completa. A acessibilidade que não é contínua não funciona como acessibilidade num sentido operacional. Funciona como uma demonstração de potencial, em vez de uma entrega de um resultado fiável.

## Onde a Demonstração se Torna Exposição

A implementação da Disney revela a limitação num ambiente controlado e de baixo risco, onde as consequências se confinam em grande parte à experiência do utilizador. O sistema revela que a acessibilidade pode ser executada com precisão ao nível do segmento, mesmo falhando em persistir ao longo da experiência completa. Essa limitação é visível, mas permanece contida dentro de um contexto em que a fragmentação afeta a compreensão, e não os resultados.

Os sistemas de SLxAI estendem essa mesma limitação estrutural a ambientes onde a comunicação é ativa, contínua e consequente. A transição não é apenas do conteúdo

para a interação. É de uma experiência delimitada para uma camada de comunicação ao vivo da qual os utilizadores dependem para trocar informação, tomar decisões e interpretar intenções. Quando a continuidade não é mantida nesse contexto, o impacto deixa de estar limitado à disrupção. Afeta a integridade da própria comunicação.

À medida que esta limitação se expande, o perfil de risco altera-se em conformidade. As interrupções na acessibilidade deixam de estar confinadas a momentos de desligação. Tornam-se pontos onde o significado pode mudar, degradar-se ou perder-se sem indicação clara. Sistemas que têm um desempenho fiável em contextos de demonstração podem não sustentar essa fiabilidade quando expostos a entradas variáveis, contextos em evolução e condições do mundo real. A ausência de continuidade torna-se um risco operacional difícil de detetar e ainda mais difícil de auditar.

A importância desta transição reside na forma como a limitação passa de ser observável a estar incorporada. Num ambiente controlado, a fragmentação pode ser identificada e analisada. Num sistema ao vivo, pode ocorrer sem visibilidade, afetando os resultados de formas que não são imediatamente rastreáveis. O mesmo problema estrutural está presente em ambos os casos, mas as suas consequências são amplificadas quando passa a fazer parte de um canal de comunicação ativo, em vez de uma experiência cuidadosamente preparada.

**TIPS**

Know something about a sign language AI system that the public should know? Send it to tips@novaracg.com. Every tip is read by me and kept confidential. If you work in the UK, writing to us is not by itself a protected disclosure under the Public Interest Disclosure Act 1998, so before you share employer information, check your options with Protect (protect-advice.org.uk), the free whistleblowing advice line.

**SUPPORT NCG**

NCG does this work without vendor money, so our findings stay ours. If it has been useful to you, you can support NCG's independent work here. NCG is a for-profit company, not a charity. Contributions are not tax-deductible and buy no service or influence.

## Como citar

Grizzle, H. M. (2026, July 12). NCG Insight: Da Fragmentação ASL da Disney ao Vazio de Governança do SL-xAI. Novara Consulting Group. https://doi.org/10.5281/zenodo.23003362